

188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402, 403, 404, 405, 406, 407, 408, 409, 410, 411, 412, 413, 414, 415, 416, 417, 418, 419, 420, 421, 422, 423, 424, 425, 426, 427, 428, 429, 430, 431, 432, 433, 434, 435, 436, 437, 438, 439, 440, 441, 442, 443, 444, 445, 446, 447, 448, 449, 450, 451, 452, 453, 454, 455, 456, 457, 458, 459, 460, 461, 462, 463, 464, 465, 466, 467, 468, 469, 470, 471, 472, 473, 474, 475, 476, 477, 478, 479, 480, 481, 482, 483, 484, 485, 486, 487, 488, 489, 490, 491, 492, 493, 494, 495, 496, 497, 498, 499, 500, 501, 502, 503, 504, 505, 506, 507, 508, 509, 510, 511, 512, 513, 514, 515, 516, 517, 518, 519, 520, 521, 522, 523, 524, 525, 526, 527, 528, 529, 530, 531, 532, 533, 534, 535, 536, 537, 538, 539, 540, 541, 542, 543, 544, 545, 546, 547, 548, 549, 550, 551, 552, 553, 554, 555, 556, 557, 558, 559, 560, 561, 562, 563, 564, 565, 566, 567, 568, 569, 570, 571, 572, 573, 574, 575, 576, 577, 578, 579, 580, 581, 582, 583, 584, 585, 586, 587, 588, 589, 590, 591, 592, 593, 594, 595, 596, 597, 598, 599, 600, 601, 602, 603, 604, 605, 606, 607, 608, 609, 610, 611, 612, 613, 614, 615, 616, 617, 618, 619, 620, 621, 622, 623, 624, 625, 626, 627, 628, 629, 630, 631, 632, 633, 634, 635, 636, 637, 638, 639, 640, 641, 642, 643, 644, 645, 646, 647, 648, 649, 650, 651, 652, 653, 654, 655, 656, 657, 658, 659, 660, 661, 662, 663, 664, 665, 666, 667, 668, 669, 670, 671, 672, 673, 674, 675, 676, 677, 678, 679, 680, 681, 682, 683, 684, 685, 686, 687, 688, 689, 690, 691, 692, 693, 694, 695, 696, 697, 698, 699, 700, 701, 702, 703, 704, 705, 706, 707, 708, 709, 710, 711, 712, 713, 714, 715, 716, 717, 718, 719, 720, 721, 722, 723, 724, 725, 726, 727, 728, 729, 730, 731, 732, 733, 734, 735, 736, 737, 738, 739, 740, 741, 742, 743, 744, 745, 746, 747, 748, 749, 750, 751, 752, 753, 754, 755, 756, 757, 758, 759, 760, 761, 762, 763, 764, 765, 766, 767, 768, 769, 770, 771, 772, 773, 774, 775, 776, 777, 778, 779, 780, 781, 782, 783, 784, 785, 786, 787, 788, 789, 790, 791, 792, 793, 794, 795, 796, 797, 798, 799, 800, 801, 802, 803, 804, 805, 806, 807, 808, 809, 810, 811, 812, 813, 814, 815, 816, 817, 818, 819, 820, 821, 822, 823, 824, 825, 826, 827, 828, 829, 830, 831, 832, 833, 834, 835, 836, 837, 838, 839, 840, 841, 842, 843, 844, 845, 846, 847, 848, 849, 850, 851, 852, 853, 854, 855, 856, 857, 858, 859, 860, 861, 862, 863, 864, 865, 866, 867, 868, 869, 870, 871, 872, 873, 874, 875, 876, 877, 878, 879, 880, 881, 882, 883, 884, 885, 886, 887, 888, 889, 890, 891, 892, 893, 894, 895, 896, 897, 898, 899, 900, 901, 902, 903, 904, 905, 906, 907, 908, 909, 910, 911, 912, 913, 914, 915, 916, 917, 918, 919, 920, 921, 922, 923, 924, 925, 926, 927, 928, 929, 930, 931, 932, 933, 934, 935, 936, 937, 938, 939, 940, 941, 942, 943, 944, 945, 946, 947, 948, 949, 950, 951, 952, 953, 954, 955, 956, 957, 958, 959, 960, 961, 962, 963, 964, 965, 966, 967, 968, 969, 970, 971, 972, 973, 974, 975, 976, 977, 978, 979, 980, 981, 982, 983, 984, 985, 986, 987, 988, 989, 990, 991, 992, 993, 994, 995, 996, 997, 998, 999, 1000

## DORRIT HARAZIM

Ilustração de Dorrit Harazim

### Choques

A fotografia americana Dorothea Lange, que documentou de forma indelével a essência da desolação humana na Grande Depressão do século passado, considerava o rosto humano uma língua universal.

— Suas expressões podem ser lidas e compreendidas em qualquer lugar do planeta — ensinava.

Na semana passada, o rosto opaco de uma garça de meia-idade dizia o indizível. Estava simplesmente em choque, esvaziada da capacidade de sentir o que quer que fosse. Lembrava as imagens icônicas de soldados da Guerra da Crimeia, da Primeira e Segunda Guerras Mundiais, do Vietnã, retratados em momentos de total abstração da cruzada em volta.

Foi em tom monótono que a garça Elvira Polippo contou à reportagem do portal gl pedações do que vivera no início da encurruada que continua a afundar seu estado. Ela morava com o marido e o filho João numa casa de dois pisos na região do Taquari quando a enchente ameaçou engolir o imóvel. Subiram todos ao telhado. Em vão. A casa ruíu e "desceu o rio feito bola". Mãe e filho, agarrados em entulhos, galhos e uma tampa de geladeira, só foram encontrados por socorristas voluntários cinco dias e cinco noites depois. Havião sido arrastados 60 km rio abaixo. Para João, de 35 anos, a força do viver parece intacta.

— Vai dar tudo certo — diz ele, apesar de ainda não conseguir andar.

A cirurgia de coluna que fizera antes do dilúvio inflamou na água contaminada. Para Elvira, agora também com leptospirose, o retorno à realidade será um soco. Seu marido segue desaparecido. Talvez ele venha se somar aos 165 mortos computados até agora pelas autoridades gaúchas.

Do outro lado do mundo, o corpo do brasileiro-iranesense Michel Nisenbaum — um dos cerca de 250 sequestrados pelo Hamas no ataque terrorista do 7 de outubro passado — foi recuperado pelas Forças de Defesa de Israel (FDI) na semana passada. Veio somar-se aos outros 30 reféns que as FDI acreditam ter sido executados naquela ação morticida, enquanto outros cem talvez ainda vivos são usados pelo Hamas como moeda de troca para delongar ou negociar um cessar-fogo. E

barbárie plenamente escancarada que deveria nos deixar em estado de choque civilizatório. Não deixa.

Mas, como escreveu Leonard Cohen em "Beautiful Losers", a realidade é uma possibilidade que não posso medir ao luxo de ignorar". E a realidade que finalmente começa a se impor no Oriente Médio foi assim resumida no jornal israelense Haaretz: "Uma coisa é certa: haverá um Estado Palestino. Local: na Palestina".

Em artigo publicado no centenário diário, o colunista Alan Idan avisou a seus compatriotas: "Somos infantis... digo que somos tolos porque nos recusamos a aceitar o óbvio, a ver que o mundo inteiro vê. Continuamos a agir como crianças que fecham os olhos e acreditam que, ao nada ver, a realidade não existe". Referia-se às forças do sionismo nacional-religioso que teimam em negar a existência de um povo que se designa como palestino — isso, apesar dos 5 milhões de palestinos que vivem ali ao lado, na Cisjordânia ocupada, em Gaza, Jerusalém Oriental (alem dos 1,8 milhão de árabes que vivem em Israel).

Na próxima terça-feira, 28 de maio, três países europeus — Espanha, Noruega e Ir-

Assim como Netanyahu, também o Hamas é contra criar uma Palestina convivendo com Israel



### ARTIGO

## O cardápio evangélico na democracia

VALDINEI FERREIRA



Nada sei sobre as preferências culinárias da ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro. Sei que, do alto do carro de som na Avenida Paulista, ainda no começo deste ano, ela afirmou que a mistura entre política e religião era a receita para libertar o Brasil do mal. Não é difícil concluir que milhões de brasileiros tocam saborear política com religião à moda Michelle, ainda que seja prato incomível para outros. Religião e política podem ser servidas juntas? Lembrando o antropólogo Claude Lévi-Strauss: é prato ou condeito? Come à moda Bolsonaro ou segundo a etiqueta do Iluminismo francês: nada de misturar religião e política sob risco de intoxicação alimentar.

Política e religião, na cultura brasileira, continuaram juntas, e o caminho para o fortalecimento da democracia precisará ir além da fórmula inossa da separação entre igreja e Estado, autêntico *fast-food* intelectual. Na prática, sob o pretexto da laicidade estatal, se impõe um cala-boca às pessoas que trazem para o debate público razões baseadas em convicções religiosas. Não atentos para quanto isso é violento, pois se exige que os crentes (não importa a crença)

renunciem aquilo que é central na construção de sua identidade e ética se quiserem ter direito a palavra nos temas públicos.

Entretanto a aplicação da laicidade do Estado não exige esse apagamento identitário de outros grupos, principalmente daqueles que adotam perspectivas secularistas. Cabe ao Estado laico responsabilizar-se pelas regras da hospitalidade hermeneutica no debate público, não lhe cabe

impor ou excluir qualquer visão de mundo: religiosa ou secular. Pessoas religiosas têm o direito de debater assuntos de interesse público tendo sua própria voz. "Há, sem dúvida, muitos tipos

de vozes no mundo; nenhum deles, contudo, sem sentido", escreveu apóstolo Paulo aos Coríntios. Cristãos evangélicos se perguntam: e as nossas vozes, fazem sentido na democracia brasileira?

Um exemplo para o qual cito é a recente resolução do Conselho Nacional de Assistência Social que proibiu as comunidades terapêuticas que tratam dependência de álcool e drogas de receber recursos destinados à política de assistência social. As comunidades terapêuticas são quase sempre religiosas e, em sua maioria, evangélicas. As

landas — deverão formalizar o reconhecimento da Palestina. Embora o ato não signifique reconhecimento a um Estado existente, apenas a possibilidade de ele vir a existir, o simbolismo será marcante por conferir legitimidade global à causa. Malta e Eslovênia também entraram na fila, na rabeira dos 140 países (inclusive o Brasil) que já o fizeram. Por enquanto, nenhuma das grandes potências ocidentais — Estados Unidos, Reino Unido, França ou Alemanha — ainda saiu do pedestal.

Netanyahu, como esperado, sustenta que o reconhecimento da Palestina, ou um cessar-fogo, equivale a premiar as atrocidades terroristas cometidas pelo Hamas. Não é. Assim como o próprio Netanyahu, também o Hamas é oficialmente contra a criação de uma Palestina convivendo com Israel. O radicalismo de um se alimenta do outro. Quando a ministra israelense dos Assentamentos, Ornit Strock, declara que a invasão a Gaza não deve cessar apenas "para salvar umas 22 ou 33 pessoas" — no caso, reféns há oito meses vivendo um horror —, ela se aproxima da lógica do custo-benefício em torno de vidas humanas praticada pelo Hamas.

A realidade é um choque. "Nunca mais", prometeram os sobreviventes do horror nazista. "Nunca mais para ninguém", entram seus descendentes ativistas da Jewish Voice for Peace. Assim se constroem humanidades.

## BERNARDO MELLO FRANCO

Ilustração de Bernardo Mello Franco

### O plano dos planos

Nos meses passados, pais de crianças autistas começaram a receber um aviso inesperado. Por e-mail, a administradora Qualicorp informava que seus planos de saúde Amil seriam cancelados. A empresa alegou que os contratos estavam "gerando prejuízo". Esperadora. Por isso, seriam encerrados unilateralmente, mesmo com as mensalidades em dia.

O drama das famílias atípicas chegou à imprensa. Em pouco tempo, soube-se que o problema era maior — envolvia outras gigantes do setor. Idosos, portadores de doenças raras e pacientes com câncer também entraram na mira das rescisões em massa. Passaram a ser vistos como clientes indesejáveis, a serem varridos das carteiras de seguros.

Em anúncio publicado nos maiores jornais do país, a Amil divulgou "dentro da mais absoluta legalidade". A operadora afirmou que "lamenta os transtornos causados" e descreveu o cancelamento como uma medida "difícil". Se é difícil para ela, imagine para as famílias que ficaram desprotegidas no momento em que mais precisavam do plano.

Num mercado acostumado a fazer o que bem entende, a rescisão unilateral virou epidemia. Asquetas à Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) subiram 99%. A Secretaria Nacional do Consumidor notificou os planos e definiu a situação como "inacreditável". Na Câmara, arma-se uma CPI para investigar as empresas e a atuação da agência reguladora.

"A ANS é uma vergonha. Entre a operadora e o cliente, sempre escolheu o lado da operadora", critica a médica e professora Ligia Bahia, da UFRI. Ela define a rescisão como uma prática "perversa". "O cliente interessa quando está saudável e deixa de interessar quando está doente", resume.

Na quinta-feira, a Associação Brasileira de Algem Prejuízos Planos de Saúde para a Saúde de (Abrange) se defendeu dos jornais. Nos jornais, afirmou que as operadoras "têm enfrentado um quadro de saúde, especialmente com a proliferação de fraudes". O texto tem 200 palavras, mas evita termos "rescisão" e "cancelamento". "O que se deseja é a ampliação do acesso à saúde suplementar, com cada vez mais qualidade e segurança", conclui. Falou explicar como ampliar o acesso à saúde cortando direitos dos segurados.

Fraudes são caso de polícia, e cabe aos planos denunciar quem age de má-fé. Ao citá-las de forma genérica, as empresas tentam desviar o foco e ofender famílias que apenas lutam por atendimento. "Estão espalhando as crianças, e não as clínicas fraudulentas", questiona Ligia Bahia.

"Se a família é obrigada a interromper terapias, a criança corre o risco de regredir no desenvolvimento. Os relatos que estamos recebendo são de partir o coração", desabafa a psicopedagoga Viviani Guimarães, do Movimento Orgulho Autista Brasil (Moab). Na quarta, a entidade obteve uma liminar que proibiu a Amil e a administradora Alcare de cancelar contratos de famílias atípicas no Distrito Federal. A Amil afirmou que "cumprirá integralmente" a decisão.

Na véspera, Viviane se chocou com o tom das empresas em audiência na Câmara. Representante da Qualicorp, o advogado Alessandro Acayaba de Toledo insistiu na tese das fraudes, levantou suspeita sobre a "proliferação de clínicas" e optou que terapias intensivas "não parecem adequadas" para crianças autistas. O doutor definiu trabalho da ANS como "fantástico", "muito rico" e "valioso". Sem corar, disse ter conversado com um diretor da agência reguladora antes da decisão.

Valdinei Ferreira, doutor em sociologia, é pastor presbiteriano independente e orador da Mesa Central, inclusive na área da saúde mental